

COELHO NETTO

A Vida além da Morte

Conferencia realisada no "Abri-
go Thereza de Jesus" no dia 14
≡ de Setembro de 1924 ≡

(Distribuição gratuita)

RIO DE JANEIRO

Officinas Graphicas da A NOITE — Rua do Carmo, 29 a 35

1924

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

Direitos de propriedade, reservados ao Abrigo Thereza de Jesus.

OFFERTA DO AUTOR

A impressão da presente edição foi offerta por diversos socios do Abrigo Thereza de Jesus.



Dr. Coelko Netto

A Vida além da Morte

A' directoria do Abrigo Thereza de Jesus agradeço, do mais intimo do coração, a honra e o carinho com que, nesta piedosa casa, me recebe. A todos vós, que me ouvís, paz!

E' de uso, nas reuniões que celebrais, iniciar o orador o seu discurso por uma prece, pondo-se em communicação com a Divindade e exorando-a para que nos assista sempre. Precedeu-me, porém, em tal ascese o mui digno Presidente desta Casa e na concentração em que se manteve, pondo a Alma aos pés do Senhor, todos vós o acompanhastes devotamente.

Assim, pois, rendidas as nossas graças ao Ceu, começo, não entrando logo no assumpto, porque não tenho ainda direito de falar-vos como adelpho, senão, primeiro, fazendo, para que me aceiteis comvosco, á maneira de profissão de fé, uma declaração que possa correr mundo apregoando a minha crença nova, nascida da maior das fecundidades, de onde sahe a Vida e que só se esterilisa na morte: a Dor.

Não venho abjurar a essencia da doutrina que me trouxe desde o berço até a velhice, porque nunca me senti mais perto

de Christo do que agora; venho, sim, dizer-vos da revelação que me illuminou o espirito fazendo-o sentir bem, em toda a sua Bondade e em toda a sua omnipotencia, Aquelle que se encarnou como a maior Graça celestial para surgir no mundo, entre os homens, não como algoz, annunciando tormentos, mas como Amor sublime, como Perdão, passando pela morte para torna-la o caminho da Perfeição.

Nunca fui sceptico, nem tão pouco fanatico: tive sempre o coração a duro fio na Verdade, considerando os Evangelhos puros como os quatro pontos cardeaes da Crença.

Nascido em lar humilde, desde infante habituei-me com a palavra suave dos simples que me cercavam, tão simples como os pastores de Bethlehem ou como os que acompanharam o Divino Emissario nas peregrinações de piedade.

Foi com essa gente que comecei a amar Jesus e a venerar a Virgem, Lampada ou Candelabro de sete luzes, ou sete dores, que resplandeceu e resplandece em Divina Claridade. Assim nunca fui sceptico.

Nunca fui fanatico porque, para ponderar o que recebia dos meus, a minha Razão apurava as verdades repellindo tudo quanto lhe parecia contrario á san doutrina pré-gada pelo Annunciador. No trigo da hostia da minha Crença nunca entrou milhara de joio.

Assim, pouco a pouco, avançando no tempo e em estudos, eu, catholico praticante,

comecei a insurgir-me contra umas tantas ou quantas imposições doutrinarias por desmentirem a propria Palavra Divina transformando o character do Enviado do Ceu, que todas as vozes propheticas annunciavã como Redemptor, em rancoroso verdugo que, em vez de cumprir a suave missão com que baixara da Altura — a de salvar a Humanidade—só a ameaçava falando-lhe em castigos, pondo-lhe diante da Esperança, não o Bem, mas o Mal; não a Redempção, mas as galês perpetuas, mais crueis que as da Vida que, para essas, ha uma porta de remissão: a Morte.

Assim o Annunciado dos anjos, tal como o representam os que o transformaram, trahe os prophetas e, esperado pela ansia Humana, como Portador do Perdão, surge na Vida como algoz e, como Pastor do rebanho humano escolhe umas tantas ovelhas deixando o resto ao desamparo, á mercê das alcatéas de lobos que as farejam.

Desde então a duvida começou a trabalhar em meu espirito e, calado, sentindo ainda o prestigio das palavras dos que primeiro semearam em minh'alma, comecei a collacionar o que lera nos Evangelhos com o que ouvia aos prégadores da Religião de Christo e achei que os seareiros do campo sagrado traziam paveas, mais de cizania que de trigo, dando ao espirito dos fieis um pão amargo em vez do candil offerecido por Jesus a seus discipulos na Ceia.

A Religião de Deus Unico degenerou em polytheismo igual ao grego e ao latino

com a differença apenas de nelle chama-rem-se os deuses: santos.

Para preencher os lugares deixados pelos numes da gentilidade o Catholicismo criou uma população canonica e assim, em verdade, o que houve, foi apenas nova eleição, novos mandatarios, como se dá nas assembléas politicas com a renovação das representações, prevalecendo, porém, a Constituição e governando-se os trabalhos pelos artigos do Regimento.

E a prova do que digo temo-la nas festas do Catholicismo, que não são mais do que sobrevivencias de cultos pagãos disfarçados pela Igreja.

Surgisse um homem, como Tertuliano, que, com o ardor da fé que o abrasava, accendeu a fogueira apostolica em que pereceram todos os idolos do paganismo e a religião de Christo resurgiria purificada, deixando em cinzas tudo que nella, tendenciosamente, introduziram os que deturpam e deturpam os textos evangelicos, transformando a doutrina revelada em obra politica.

Homem de fé, o Livro de minh'alma, aqui o tenho: é a Biblia. Não o encerro na bibliotheca, entre os de estudo, conservo-o sempre á minha cabeceira, á mão.

E' d'elle que tiro a agua para a minha sede de verdades; é d'elle que tiro o pão para a minha fome de consolo; é d'elle que tiro a luz nas trevas das minhas duvidas; é d'elle que tiro o balsamo para as dores das minhas agonías. E' o vaso em que, semeant-

do a Caridade, vejo sempre verde a Esperança, abrindo-se na Flor celestial, que é a Fé.

Eis o livro que é a valisa com que ando em peregrinação pelo mundo. Tenho nelle tudo.

O Deus, que trago no coração é Christo. Tenho-o diante de mim, como orago, no meu gabinete de trabalho, cercado de flores, thuribulos perennes, que o embalsamam com o seu aroma e, mais do que em imagem, tenho-o em culto no oratório do meu coração.

Os pontos cardeaes da minha Religião são os quatro Evâgelhos. Lendo-os, conforto-me e, quanto mais os medito, mais me sinto aproximar de Deus.

Se deixei o caminho que trilhava tortuoso, sombrio, sempre eriçado de espinhos, a pique sobre esse abysmo flammejante, o Inferno, com que a Igreja ameaça aos que se atrevem a discordar de um só dos seus imperativos ferreos, foi guiado por esses quatro esplendores.

Tive a minha estrada de Damasco e da cegueira em que jazia levantei-me em deslumbrante claridade, e vi! Vi a Verdade e, seguindo-a, achei-me entre vós. Aqui estou!

Agora, em vossa companhia, vendo como vos portais, convenço-me de que os vossos adversarios combatem com armas insidiosas, usam de falsidia para tornar-vos antipathicos e detestados dos simples, denunciando-vos como pactuados com o Demonio—

sempre o Demonio! — trunfo maximo na grande cartada que estão jogando.

O Catholicismo transformou a cruz, symbolo da Redempção, em clava de combate para rechassar demonios. Para a Igreja o Espirito de Deus, que está em toda a parte, como a Luz, não tem poder sobre a Sombra, e tem-no um Padre com o hyssope e a caldeirinha. O que não consegue o Sol eterno conjura o cirio; onde a Claridade Suprema não logra victoria triumpha a chama tibia de uma lamparina de oleo. Absurdo.

Não podendo impôr-se pela Bondade quer a Igreja dominar pelo terror e pollúe a obra divina enxameando-a de demonios como uma carniça a refervilhar de vérmina.

Não! Deus não quer ser procurado por espavoridos senão por amorosos que o busquem, de coração, por Elle; que se lhe achem sorrindo, como se aconchegam aos pais os filhos extremosos. Não se erija a cruz como espantalho de demonios, mas como symbolo da Fé, tronco da misericordia.

No inicio das vossas reuniões concentraivos em prece invocando a assistencia divina de Jesus e, sob tal auspicio, realisais o que os vossos inimigos comparam ás missas negras. Se o Demonio com que viveis apparecidos é esse que invocais, reprobos são os que vos calumniam porque se, nas legiões satanicas, apparecesse tal demonio as expulsos do Ceu, só com o contemplarem, ficariam redimidos como ficavam curados da

lepra ou da cegueira, da paralytia ou da mudez os que se aproximavam do suave Missionario.

Outro demonio, que tambem invocais, é Aquella criatura meiga que foi o vehiculo escolhido por Deus para entrar na Humanidade na pessoa de Jesus: Maria.

Assim é caso de bendizermos o nosso Inferno. Se as suas chammas queimam, nellas quero eu inflammarm-me porque sobem de uma fogueira que dá Vida e illumina eternamente os Tempos — o coração de Jesus e espadanam em sete labaredas partidas das cicatrizes abertas no coração maternal da Virgem pelas sete espadas de Martyrio.

Senhores, a perseguição que vos movem é natural, é até necessaria para maior gloria do triumpho, que vem perto. Soffreram-na longamente os primeiros christãos, quando ainda a Fé se não havia turvado com o que nella espalharam os que tanto têm compromettido a pureza do Christianismo.

Que vos ataquem! Forrai-vos com aquella indomita coragem com que Tertuliano, na sua "Apologetica", desafiou os magistrados de Roma e repeti as palavras formosas com que o eloquente carthaginês, referindo-se á Verdade, falou aos seus irmãos:

"Estrangeira neste mundo ella não ignora que encontrará inimigos fóra do seu paiz, todavia, caminhando de olhos fitos no ceu, sua patria e sua esperanza, sem

preoccupar-se com o credito nem com a gloria, só uma coisa aspira aqui em baixo — é que a não condemnem sem conhecê-la.”

Quando não aterra com o Inferno a Igreja amedronta com o manicomio affirmando que a maioría dos espiritas dá á costa na escaleira do Hospicio.

Ha no Hospicio espiritas, não serei eu quem o negue, não tantos, porém, como affirma a Igreja que não inclue na sua lista os que lá desvairam por conta das suas predicas e dos seus cochichos de confissionario. Mais são ali os possessos sahidos de sacristias do que os obsidiados pelos espiritôs. Se ha fanaticos no espiritismo tambem os ha na grey catholica. Os que iam em romagem ao tumulo do diacono de Paris, no cemiterio de S. Medardo, não eram discipulos de Kardec, nem o são, tão pouco, esses miseros sertanejos que calcurriam estirões de carrascal, ao sol, carregando pedras, em marchas penitenciaes ou desobrágas, dominados por missionarios que os escravizam a Deus e fazem da cruz misericordiosa verdadeiro pelourinho para taes infelizes.

Quanto á hypocrisia, de que sois accusados, respondi que antes de vos haverdes reunido em prece e cerimoniaes de culto espiritual já o symbolo da Hypocrisia fôra achado por Molière em uma sacristia e ahi o temos no Tartufo.

Passemos, porém, adiante. Cuidemos da obra que está a reclamar a attenção de todos os verdadeiros christãos — o expurgo

dos livros evangelicos. Restituamos á Biblia a doçura que lhe tiraram, expunhamos-lhe os enxertos, tornando-a verdadeiramente apostolica, tal como foi ditada pelo Pregador Supremo. Exegeses são chicanas. A Verdade é uma só.

O doutrinador espirita procede como Jesus que não cobrava as suas parábolas exemplares nem os seus sermões edificantes e nunca poz preço aos milagres que realisou.

O sacerdote catholico — tão differente do antigo antiste — é um profissional da Fé. O espirita ama a Deus onde quer que se aché e, em todas as coisas que se lhe apresentam reconhece-lhe a omnipotencia: na vida dos mundos syderaes, que esplendem no espaço infinito, e no pequeno gomo que rebenta na haste de uma planta. Para sentí-lo e communicar-se com elle não precisa procurar cathedraes ou basilicas, igrejas ou capellas — sente-o presente, ama-o e glorifica-o na liberdade plena da natureza: na terra, no mar e no ceu; no cimo da mais alta montanha e no valle mais fundo, no campo, ao sol, e na caverna obscura, porque estando Deus em toda a parte, toda a parte é o seu templo.

Jesus poucas vezes subia ao monte Moriah, onde avultava, immenso e grandioso, o templo de Salomão. Os que o buscavam dirigiam-se, de preferencia, ás praias, estancias de pescadores ou batiam á porta das cabanas pauperrimas perguntando por Elle.

Assim foi e assim será sempre. E' no lar humilde, onde ha dor ou lagrimas, fome ou frio, enfermidade ou angustia que Deus se assenta, invisivel, entre os da tamua.

Na igreja tudo é fausto: nos altares, nos pulpitos, nas alfaias, nos paramentos, nas luzes. A miseria só apparece na escadaria exterior, throno de Lazaro, faminto e nú.

Mas para o Senhor de todas as grandezas que valem ouro e luzes da terra? Valem, sim, os soffrimentos que o reclamam a vozes estranguladas por soluços, valem os gemidos, vale o pranto, valem as angustias. Onde, pela primeira vez, se alancêa o coração de Christo e, pela primeira vez, lhe treme, fragilmente, a carne? Onde, em suor sanguineo, se lhe mareja o rosto, meigo e os olhos se lhe escaldam em lagrimas ferventes? Onde, sentindo a perfidia ingrata, de um dos apóstolos e chegada, com a traição, a hora tragica da propheta, já á beira da morte, Christo se despede da Vida? No Horto.

Noite, embora, não lhe basta a treva, ainda se embrenha na espessura das oliveiras, afastando-se dos discipulos que o haviam acompanhado.

Para que tanto isolar-se? Para que tanto esconder-se? para orar. E como reza? quebrando o silencio a vozes altas? Não! Humilha as palavras, dissolve-as no coração em ascese — essencia mesma da prece que vai alta, porque parte da alma espiritualmente, sem corpo de voz, como já destinada ao ceu. Assim nos ensinou Elle a re-

zar: dentro do coração e, quanto maior fôr a agonia, de mais profundo deve sahir a prece e não superficialmente, dos labios. Templos... Templo é tudo e, principalmente, o coração dentro do qual se devê, em silencio, recolhidamente, adorar o Creador.

Achando-se Deus em toda a parte, é certo que aqui o temos comnosco. Sursum corda! Louvemo-lo e glorifiquemo-lo!

Para que buscar outrôs intermediarios para Jesus se Elle proprio deixou tres ancillas fieis para serviço-da nossa alma? A primeira, de mais largo vôo, a Fé, leva-nos á sua presença; a segunda consola-nos em todas as afflicções com a promessa do ceu — a Esperança; a terceira recebe as demonstrações do nosso amor piedoso e com ellas obtem o premio celestial das graças — a Caridade.

Se temos as tres virtudes a nosso serviço por que havemos de recorrer a outrem para communicar com Deus?

Para que havemos de buscar fiscaes que nos devassem a alma se temos comnosco a Consciencia sempre vigilante? Por que havemos de transmittir a outros ouvidos o que só Deus pôde julgar e perdoar, Deus, que tudo vê e ouve, sente, adivinha, porque Elle é toda a Sabedoria? Onde, nos Evangelhos, Jesus nos apparece como confessor? Sempre o vemos desde logo perdoando. Para Deus as palavras são inuteis porque elle as lê, antes de nascidas, no pensamento de quem as ha de proferir. Se Jesus falava, era para que todos o ouvissem. Con-

fessor, homem de sussurros, nunca o foi! A confissão é uma violação da alma. Christão confesso, não sou, entretanto, dos que negam aos crentes de outras religiões o que Deus lhes assegura com a sua infinita misericórdia. O que dá ao Christianismo incontestavel supremacia sobre os demais credos é a pureza da sua essencia, a Moral em que assenta e a Bondade que emana.

Deus, porém, que abriu a Vida e nella poz o Homem, seria injusto com a sua criatura se apenas a considerasse digna do seu amor depois que de todo se lhe illuminasse a intelligencia para conhecer a Verdade, amá-la e venerá-la.

Que se diria de um pai que repellisse de si um filho pequenino por não o saber festejar, não lhe dizer o nome ou por estranhá-lo abrindo em pranto se elle o tomasse ao collo? Esse, mais que o adolescente ou o adulto, merece ser acariciado e foi, talvez, referindo-se a taes innocentes que Jesus, que tudo ensinava por allegorias e parabolás, disse chamando a si as crianças que o cercavam e que os apóstolos repelliam: "Sinite parvulos venire ad me".

A Igreja tambem repulsa taes insontes, affirmando que não serão recebidos no ceu, não por haverem peccado, mas por não haverem recebido o baptismo, reconhecendo um Deus que só mais tarde se havia de manifestar em uma religião de amor.

Religiões não se discutem. Nem eu as discutirei senão quando m'as quizerem im-

pôr. Cada qual se communica com Deus conforme o ensino da sua Crença. Discutir religiões seria o mesmo que discutir linguagens condemnando, por exemplo, a inglesa por pobre em verbos, a alleman por abstrusa na syntaxe, a portuguesa por inflada nos diphtongos e etc.

Religiões são idiomas. Assim como ha varias linguas, todas exprimindo as mesmas idéas, ainda que em termos differentes, ha varias religiões, cada qual com o seu symbolo, o seu rito; todas, porém, colimando o mesmo Ideal.

As religiões primitivas, com cerimonias barbaras, sanguinolentas foram os primeiros tartareios da Fé. Os idiomas transmitem o pensamento, as religiões traduzem a Crença: uns servem para a communicação dos homens entre si, na vida; outras entendem com o destino da alma além da morte.

O lume é um e o mesmo, qualquer que seja a lenha; tanto calor e brilho dá o tronco do cedro como o do pinheiro, do álamo, do carvalho ou do jequitibá e com um pouco de folhas seccas o pastor, na montanha, aquece-se e alumia-se. O necessario é ter lume — Fé.

Deus é um só em vários symbolos e altares, e esse Deus é a Bondade ou como lhe chamamos nós: Jesus.

A Crença equilibra o homem entre o ceu e a terra e, nos dois extremos em que elle se apoia, o peso deve ser o mesmo — Amor: amor de Deus sobre todas as coisas, amor ao proximo, como a nós mesmos.

Viador, como todos vós, acho-me diante de uma cidade maravilhosa, cingida de muralhas altas, cujas portas resistem fechadas e selladas inviolavelmente com sellos de arcano. A vida, que nella se movimenta, e que eu sinto, que todos vós sentis, é ainda mysterio.

Que é habitada, não ha negá-lo. Mas que população estranha é essa que se agita em silencio, como os atomos nos raios de sol, que se communica sociavelmente connosco, mas desaparece, arisca, se a buscamos com insistencia, com a mesma esquivança com que a sombra refoge á luz? São essencias que andam errantes no ar como o arôma exhalado das flores.

Os materialistas taxam-nos de insanos porque affirmamos a existencia do que não vemos e são elles mesmos que demonstram, com experiencias e provas irrefutaveis, que o ar está enxameado de vidas microscopicas; que uma gota d'agua é um mundo oceanico de infusorios; que na antenna de uma borboleta ou na pata de uma abelha emigra a vida vegetal em sementeira, ou pollen; que o microbio infesto está em toda a parte e em tudo, vario e multiplo.

E porque, se perdura e perpetua-se em germens a vida material, a vida espiritual, vida da alma, eterna, não ha de ter continuidade?

Entraí no amphitheatro anatomico e vede o physiólogo a escarnificar o cadaver. Para que tão cruenta chacina de espostejo,

de ventre, resecção de ossos, arrepanho de musculos, enfeixe de fibras, nervos e vasos nos quaes o sangue é coagulo ? Em que se empenha tão arduamente esse necrópso ? em estudar a vida na morte. Não vós parece isso absurdo ? E, todavia, é verdade. O compendio em que mais medita o sabio é o cadaver ; é com as noções que delle tira que combate a morte, curando o mal com o proprio mal, arvorando, assim, em principio o contestado aphórismo do “*Similia similibus curantur*”.

Se aceitamos a sciencia da vida tomada na inercia rigida da morte, por que havemos de negar a sobrevivencia da alma, quando a sentimos presente, em manifestações flagrantes ? A vida é ella, ella só.

Ouçamos Vieira : “Quereis ver o que é uma alma ? Olhai (diz Santo Agostinho), para um corpo sem alma”.

Pena é que, por ser extenso o assumpto e o tempo escasso eu vos não possa dar toda a glosa com que o facundo prégador commenta a formosa definição do africano ; abreviando-a, porém, digo-vos :

Figurai um cadaver estendido na eça — é o corpo humano tal como o vemos em somno : nada lhe falta do que o compõe. Pergunto-vos, entretanto : “Que é do movimento, agitação dos membros ? Que é da palavra, agitação da idéa ? Que é dos sentimentos ? Que é dos sentidos ? Que é das acções ? Que é, emfim, do que nesse corpo era energia e luz ? A energia esgotou-se de todo ; a luz extinguiu-se.

Esplende o sol no zenith e toda a vida exubêra. Vêde o mundo nas horas melancolicas da tarde, quando o sol declina e tramonta. De purpuro e dourado torna-se o ceu cor de perola, tinge-se de violeta, cinza-se, denigre-se. Foi-se o sol, seguiram-no as nuvens aureas como as corôas que acompanham os esquifes.

Noite. Que é da cor das arvores? Que é da graça dos accidentes montanhosos? Que é da gentileza das flores? Que é da voz das aves? Tudo levou o sol.

E mórre o sol? Se morresse a hora do primeiro occaso teria sido a ultima da vida. A prova de que o sol não morre é que, dentro da noite, nesse morrão ou cadaver da luz, a vida lateja por que nella se mantem o calor do sol, como resta a semente da arvore cahida para renascer em tige e reflorir na leiva. O sol gira e quando nos deixa vai illuminar os nossos antipodas, despertando-os.

E que é o tumulo senão um territorio antipodo? Que é a morte senão uma noite opposta a um dia, a Vida? E assim como os dias e as noites, succedendo-se, formam a cadeia infinita do Tempo, assim a Vida e a Morte, reproduzindo-se no aperfeiçoamento, formam a eternidade.

Cada um de nós tem dentro de si um sol. De onde veiu? Será uma centelha do astro que se mantem em nós como a chamma na lampada perenne? Não! a sua origem é de mais alto porque foi o proprio Deus que no-la herdou quando,

ao formar o corpo do Homem com a terra edénica, animou-o com o seu halito, como no-lo diz a Biblia:

“Formavit igitur Dominus Deus hominem de limo terrae, et inspiravit in faciem ejus spiraculum vitae, et factus homo in animam viventem”.

Vêde agora o absurdo: Se a alma, dada ao homem, era o proprio Espirito de Deus e se é nella que incide a maldição do Ceu, Deus condemna-se a si mesmo e rende-se a Satanaz, rojando-se do alto da sua Grandeza aos abysmos inferiores, escravizando-se ao adversario: Elle, o Senhor; Elle, o Omnipotente.

Onde a falsidade — na Biblia quando nos cita o versiculo do Genesis ou na Igreja condemnando a alma, essencia divina, ao Inferno ?

Impugnam, os que nos combatem, a unica doutrina compativel com a Misericordia Divina, doutrina annunciada e até demonstrada por Jesus Christo, a da reencarnação, em estágios ou graus de aperfeiçoamento, desde o Inferno até o Paraiso. Inferno !...

Por mais que se exalte a imaginação desses cultivadores do Mal nunca engendrará flagícios como os que nos excruciam neste valle de lagrimas.

Fornalhas as mais ardentes, crateras as mais flammivomas, rios igneos, solfataras, borbulhantes, fôjos de pez fervente não atormentariam tanto as almas como o fa-

zem as sete labaredas que a Igreja denominou — Peccados mortaes.

Monstros... Que valem os cerebrinos: gryphos e basiliscos, serpes e escolopendros, tarantulas e salamandras, toda a fauna imaginaria do Barathro comparada á que se alaparda na Consciencia: o Desespero, o Remorso, o Medo e todas as ansias que nos constringem e remordem peçonhentemente a alma ?

Demonios? Temo-los, ás legiões, nos sentidos que nos ferroteam; temo-los nas dores que nos lancinam; nas ulceras, que nos dilaceram e apodrecem a carne em vida; temo-los nas enfermidades que nos febricitam, envolvendo-nos nas chammas de tunicas molestas; temo-los na cegueira, na mudez e na surdez que nos travam a palavra e trancam-nos os ouvidos; têmo-los na paralytia que nos entreva, nos aleijões que nos deformam, na loucura que nos desvai-ra e não cito as torturas moraes que nos corroem por dentro.

Aqui é que se vêem os corpos contorcidos; aqui é que se ouve o ranger de dentes; aqui é que se soffre; aqui é que se pena. O Inferno é aqui, e, por ser assim, foi que Jesus baixou do Ceu para trazer o allivio da sua misericordia aos padecentes.

Computadas as legiões do Inferno com os males que assediam a vida neste transito quão mesquinha nos parece a população do Erebo !

Porque essa preocupação de fugir da Verdade para a Mentira?

Inferno de fogo vivo, de torturas demoniacas, desde a das chammas nos braseiros até as dos esmagamentos pelo capacete de arrocho, da trituração pelos esarpes, do quebramento de ossos a macete e barra, da distensão dos membros nos suspensorios dos ergástulos, do decubito em grabatos apuados, do potro, da roda, do acannaviamento, da prisão em enxovias humidas e por todos os inventos dolorosos que puzeram em pratica os beatos Padres do Santo Officio, cuja descripção ainda hoje estarece, teve-o a Europa assolada pelo Catholicismo, accesa em guerra como a dos albigenses e teve-o, principalmente, a Hespanha, capital flammejante e lugubre da Inquisição, quando a governaram, com animo crudelissimo, Pedro Arbues, o santo, e Torquemada, o mystico. E nesse Inferno a quem elegeram os Padres como Presidente: a Satan ? Não ! A Jesus.

Comparai a obra suave do Messias, na missão de amor que o trouxe do Ceu á Terra, com a dos carnifices discipulos de Loyola e tereis o contraste.

A doutrina da reencarnação (*) a que me vou referir, não é de invenção nossa, senão do livro sagrado, o Livro dos livros, pedra fundamental da Igreja: a Biblia.

(*) “Esta doutrina, como todas as que existiram, teve e terá no futuro adversarios systematicos, intelligencias hostis, indifferentes ou interessadas em combaterem-na,

Christo, segundo o annuncio das vozes propheticas, devia ser precedido pelo espirito de Elias e esse espirito reencarnou-se em S. João Baptista.

Ouçamos Malachias, Capitulo IV, versiculos:

5 — Eis ahi vos enviarei eu o propheta Elias, antes que venha o dia grande e horrivel do Senhor;

6 — E elle converterá o coração dos pais aos filhos, e o coração dos filhos a seus pais, para não succeder que eu venha, e que fira a terra com anathema”.

Que Elias era esse senão o thesbita, propheta de Israel, que o Sênhor ordenou ficasse ao pé da torrente de Carith, defronte do Jordão? Se S. João Baptista era o proprio Elias, tornado ao mundo, em missão, como veiu elle? resuscitado? não!

sobre isto não nos restam duvidas. Sempre, porém, tal se deu com relação ás mais sublimes conquistas do genio e sabemos que a maior parte das verdades superiores, que mais honra fazem á humanidade, até a data do seu triumpho definitivo, foram sempre tratadas com ironia e desprezo, consideradas como visões chimericas ou arroladas entre os mythos pueris, as ficções e utopias — as mais insensatas. O progresso está habituado a fazer assim a sua entrada na historia, amaldiçoado pelo passado, que elle desloca ou destróe, mas abençoado pelo futuro que elle fecunda e transfigura.”

(*) Victor Girard: *La transmigration des ames.*

porque o Baptista nasceu de Isabel, logo: renascido ou reencarnado.

O anjo que annunciou a Zacharias o nascimento do Baptista, são palavras evangelicas, de S. Lucas: Livro I, versiculôs:

13 — Não temas Zacharias, porque foi ouvida a tua oração, e Isabel, tua mulher, te parirá um filho, e por-lhe-ás o nome de João.

.....

17 — E o mesmo irá adiante d'Elle no espirito e virtude de Elias, para reunir os corações dos pais aos filhos, e reduzir os incredulos á prudencia dos justos, para preparar ao Senhor um povo perfeito.”

E o proprio Jesus, falando de S. João Baptista ás gentes — transcrevo Matheus — Capitulo II, versiculos:

7 — E logo que elles (os dois discípulos enviados por João a Christo para saberem se era elle, em verdade, o esperado Messias) se foram, começou Jesus a falar de João ás gentes: “Que sahistes vós a ver no deserto? uma canna agitada do vento?

8 — Mas que sahistes a ver? um homem vestido de roupas delicadas? Bem vedes que os que vestem roupas delicadas são os que assistem nos palacios dos reis.

9 — Mas que sahistes a ver? um propheta? Certamente, vos digo, e ainda mais do que propheta.

10 — Porque este é de quem está escripto: Eis ahi envio eu o meu anjo ante

a tua face, que apparelhará o teu caminho diante de ti.

11 — Na verdade vos digo que entre os nascidos de mulheres não se levantou outro maior que João Baptista; mas o que é menor no reino dos ceus é maior do que elle.

12 — E desde os dias de João Baptista até agora o reino dos ceus padece força, e os que fazem violencia são os que o arrebataam.

13 — Porque todos os prophetas e a Lei até João prophetisaram.

14 — E se vós o quereis bem comprehender, elle mesmo é o Elias que ha de vir.

15 — O que tem ouvidos de ouvir, oiça. Não são ouvidos que lhes faltam, nem olhos, fazem-se, porém, moucos e cerram-se na peor das cegueiras porque assim lhes convem. Precedem com a Fé como certos mystificadores da Caridade que se contorcem em aleijões, simulam chagas com que se abostellam, emparcham os olhos e quedam fitando pasmadamente a altura em amauroses industriosas. Açulem-lhes, porém, um cão ás pernas e logo, como a gente de Trouillefou, o aleijado dará as gambias; o das ulceras abalará a todo o panno e o cego será o que fuja por melhor caminho.

O mendigo, colhido no embuste, choramiga, allegando invalidez, falta de trabalho, para justificar o tal meio de vida. Elles, se a verdade os confunde, aferram-se obstinadamente ao dogma, e diante da

mais flagrante evidencia, voltam os olhos ou tapam-nos para não ver.

E, todavia, todas as suas negações são hoje leis scientificas. Galileu destruiu um dogma, elles mantêm-se nas ruinas do que foi um dos seus baluartes e ainda que sintam que tudo ande desmantellado, entrincheiram-se nos escombros.

Jesus vestia uma leve tunica de linho alvo; trajo candido; elles vestem-se de negro. Jesus abençoava, elles excommungam. Jesus, para aquelles mesmos que o martyrisavam, era misericordioso e quando mais lhe infligiam supplicios, Elle, voltando os olhos doces para o ceu, implorou, "Pai, perdoai-lhes, porque não sabem o que fazem". Elles condemnâo os proprios innocentes se não se expurgam nas aguas do baptismo. Jesus annunciou-se como Redemptor; elles o transformaram em verdugo. Jesus andava no meio dos simples como pastor entre ovelhas; elles, no rebanho, procedem como lobos. Jesus prometteu ao proprio ladrão o Paraiso; elles só nos falam no Inferno. Inverteram os evangelhos, esse pouco !

Em ouvindo falar em espiritismo irritam-se, bradam contra a abominação e, abroquellados com o dogma, negam, a pés juntos, todas as possibilidades de communição com o Além. Entretanto já em Moysés, para não sahirmos da Biblia, encontramos referencias a praticas rudimentares do espiritismo, que começou, como começaram todas as sciencias, por

tentativas falhas, experiencias frustradas. E, todavia, da hermetica dos alchimistas sahiu a Chimica; procurando nos cadinhos, aquecidos no acanor, a utopia da flamma maravilhosa acharam os spagiristas a verdade, que triumphou. Assim foi, assim será sempre. Todo inicio é mysterioso.

Prosigamos.

Amedrontado com o numeroso e aguerrido exercito dos philisteus e sem o conselho sempre avisado de Samuel, que morrera, recorre Saul ao Senhor. Primeiro Livro dos Reis, capitulo XXVIII, versiculos:

6 — E consultou o Senhor, e não lhe respondeu, nem por sonhos, nem por sacerdotes, nem por prophetas. Que fez elle? Pediu que o levassem a uma mulher que adivinhava pelo espirito de Python.

Continuemós no mesmo capitulo, versiculo:

11 — E disse-lhe a mulher: Quem queres tu que te appareça? Disse Saul: Faz-me apparecer Samuel.

12 — E a mulher tendo visto apparecer a Samuel, deu um grande grito e disse a Saul: Porque me enganaste tu? Tu pois és Saul.

13 — E o rei lhe disse: Não temas: que viste tu? E disse a mulher a Saul: Vi deuses que subiam da terra.

14 — E disse-lhe Saul: Como é a sua figura? Respondeu a mulher: Subiu um homem ancião, e esse coberto com uma

capa. E entendeu Saul que era Samuel, e fez-lhe uma profunda reverencia, e prostrou-se por terra.

15 — Disse pois Samuel a Saul: Por que me inquietaste fazendo-me vir cá? E Saul lhe respondeu: Eu acho-me no ultimo aperto: porque os philisteus me fazem guerra, e Deus se retirou de mim e não me quiz nem por prophetas, nem por sonhos; por essa razão te chamei para que me declarasses o que devo fazer.

16 — E disse Samuel: Para que me perguntas quando o Senhor te tem desamparado, e se passou para o teu rival? E prosegue no anathema, sempre em nome do Senhor.

O vidente de Rama, cujo espirito se manifesta materializado no corpo "de um ancião coberto com uma capa" e pronunciando-se em nome do Senhor, não sahira do Inferno, de onde se não sahe e, se baixara do ceu, onde certamente assistia, pelas virtudes com que se dignificara na vida, como explicam os negativistas tal apparição, de que nos dá testemunho a Biblia com a sua autoridade incontestavel de Livro das revelações?

Negam tambem as varias manifestações espirituaes de Christo e todavia os Evangelhos no-las confirmam. Jesus apparece a Magdalenã:

Achava-se a linda irman de Lazaro chorando junto ao sepulcro em que fôra encerrado o corpo de Jesus quando dois annos, que ali se achavam, perguntaram-lhe

— por que chorava. E ella respondeu-lhes: Porque levaram o meu Senhor, e não sei onde o puzeram.

14 — Ditas estas palavras, olhou para traz, e viu a Jesus em pé, sem saber comtudo que era Jesus.

15 — Disse-lhe Jesus: — Mulher, por que choras? a quem buscas? Ella, julgando que era o hortelão, disse-lhe: Senhor, se tu o tiraste, dize-me onde o puzeste, e eu o levarei.

16 — Disse-lhe Jesus: Maria. Ella, voltando-se, lhe disse: Rabbino (que quer dizer Mestre).

17 — Disse-lhe Jesus: Não me toques, porque ainda não subi a meu Pai, mas vai a meus irmãos e dize-lhes: Que vou para meu Pai e vosso Pai, para meu Deus e vosso Deus.

Abs discipulos. No mesmo capitulo do Evangelho de João, versiculo:

19 — Chegada, porém, que foi a tarde daquelle mesmo dia, que era o primeiro da semana, estando fechadas as portas da casa onde os discipulos se achavam juntos, por medo que tinham dos Judeus, veiu Jesus e poz-se em pé no meio delles, e disse-lhes: Paz seja comvosco.

Notai a preocupação do apostolo em dizer que “as portas se achavam fechadas” como para fazer sentir a pura espiritualidade do Mestre que os visitava, materialisando-se, porém, logo que se acha entre os discipulos, tanto que lhes mostra as

mãos e o lado, como para lhes provar que os visita em corpo.

Mais ainda. Em Tiberiade — valho-me sempre, em taes passos, do testemunho de S. João, Capitulo XXI, versiculos:

1 — Depois tornou Jesus a mostrar-se a seus discipulos junto do mar de Tiberiades. E mostrou-se-lhes desta sorte:

2 — Estavam juntos Simão Pedro, e Thomé, chamado Didymo, e Nathanael, que era de Caná de Galiléa, e os filhos de Zebedeu e outros dois de seus discipulos.

3 — Disse-lhes Simão Pedro: Eu vou pescar. Responderam-lhe os mais: Também nós outros vamos contigo. Sahiram, pois, e entraram numa barca, mas naquella noite nada apanharam.

4 — Mas chegada a manhan veiu Jesus por-se na ribeira, sem que ainda assim conhecessem os discipulos que era Jesus.

5 — Disse-lhes, pois, Jesus: O' moços, tendes alguma coisa de comer? Responderam-lhe elles: Nada.

6 — Disse-lhes Jesus: Lançai a rede para a parte direita da embarcação, e achareis. Lançaram elles pois a rede, mas já não podiam trazê-la acima, que tão grande era a carga dos peixes.

7 — Então aquelle discipulo a quem Jesus amava, disse a Pedro: E' o Senhor. Simão Pedro quando ouviu que era o Senhor, cingiu-se com a sua tunica, (porque estava nú) e lançou-se ao mar...

E aqui me ficou com as transcripções por

serem bastantes, as já citadas, para prova da Verdade que embalde tentam empannar.

Je suis venu trop tard dans un monde trop vieux.

Assim se lamentava do seu nascimento tardio o suave e melancolico Musset.

Que diremos nós? Lastimaremos, como o poeta, a nossa entrada no mundo na hora em que nelle a luz vasqueja em crepusculo? Estojo em affirmar que não.

Eu, de mim, protesto que preferira vir no dealbar da proxima alvorada, depois da noite que se annuncia e que será estrellada e sonó~~ra~~ de canticos angelicos, como aquella em que nasceu em Bethleem o Emissario misericordioso.

Que maravilhas ainda reservará Deus á Vida? O distribuidor de graças não as esparze com mão prodiga, mas com a mão prudente do sementeador. Pelas flores que vemos é facil calcular a safra de amanha.

Quanta utopia realisada! Quanta promessa cumprida! Quanto arcano desvendado!

Quem dissesse aos nossos pais que o homem vingaria o espaço a arranque d'azas, como as aguias, seria tido por louco. E ei-lo que remonta, investe aos astros, corre aladamente as altitudes, brada victoria! onde os trovões tronejam, realisando triumphalmente o grande sonho, essa viagem ao azul para a qual a voz de partida foi o grito: Excelsior!

Dissesse alguém aos velhos de ha trinta annos que o homem desceria ás profundas do mar em corpo de cetaceo, atravessando o pelago como Jonas o atravessou no ventre da baleia, e tal propheta seria ouvido como foi Cassandra. E, todavia, o abysmo é hoje percorrido em todas as direcções pelos terriveis squalos armados pela guerra: submarinos e submersiveis.

Ahi estão, patentes, os prodigios da mechanica, os milagres da physica e da chimica e, pelo que se tem obtido com o auxilio da Sciencia já ninguem duvida de que, em breve, nos possamos communicar com os astros, conversar de mundo a mundo, como entre visinhos.

Taes são, senhores, as evidencias do mundo physico que a Igreja, ankylosada em dogmas, não pode contestar. Nega, entretanto, e tenazmente, as revelações constantes que nos vêm da vida psychica; néga, não por cerzeza, senão por contumacia e, quando a chamam á prova, recusa-se e põe-se a vociferar do pulpito injurias contra os que trata como inimigos, posto que os veja com o mesmo lábaro que ellà desfralda como sendo o pavilhão da cidade de Deus: a bandeira christian.

Que vale negar? Isso na Igreja é mal de origem: tres vezes Pedro negou a Christo e Pedro é a Pedra fundamental da Igreja. A negação obstinada não é prova, é teima.

No cenaculo, achando-se os apóstolos reunidos, baixou sobre elles o Espirito

Santo em forma de linguas de fogo. E que resultou de taes linguas? a eloquencia da propaganda, e a doutrina pregada por linguas taes, assim como illuminava, arrasava — clarão da Fé, incendio contra a heresia; luz e chamma, esplendor fulgurando e labaredas comburindo. Essas linguas de fogo, que não vemos, mas que sentimos, descem, de novo, do ceu sobre os homens de Fé — são ellas que os inspiram; são ellas que os illuminam; são ellas que lhes dão ardor e enthusiasmo para que combatam. Peça-mos todos a Deus a grande mercê da inspiração do Alto.

Fulminam-nos os padres com o anathema porque prestamos culto de amor ao que elles chamam a Morte e que nós consideramos tanto como a propria Vida. Se acham que procedemos mal buscando pelo amor, pela saudade, pela crença na sobrevivencia dos espiritos communicar-nos com elles, sem outro interesse senão o de os sentirmos, porque celebram cerimoniaes de remissão?

Porque confessam e ungem a moribundos? porque encommendam mortos? porque rezam missas e celebram exequias? certamente, o' vaidade! porque se julgam os unicos capazes de obter o perdão do Senhor. E' crível que mereça mais aos olhos de Deus, todo Bondade, que as lagrimas de uma mãe um pouco de latim? Não!

Ninguém pode falar a Deus com mais ternura, reunam-se embora todas as colle-

giadas sacerdotaes de Roma, do que um coração materno. Ninguem pôde bater ás portas do Paraiso com mais força do que o amor de um pai. Não ha oração que se cômpare a um soluço.

A missa funebre que teve Jesus foi o *Stabat Mater*.

Não ha rosario comparavel a esse que os olhos desfiam em bagas de pranto.

Orar é sentir, e mercenarios não sentem.

O culto da morte, como nós o entendemos, e praticamos, appareceu com a propria Vida. (*)

A vida transita no espaço sem limites no tempo porque é eterna, tendo sahido da Eternidade, infinita como a sua propria essencia-Deus.

A noite, nem por ser treva, interrompe a cadeia das horas.

Contemplai o oceano e nelle tereis a imagem perfeita da Vida.

(*) Si haut qu'on remonte dans l'histoire de la race indo-européenne, dont les populations grecques et italiennes sont des branches, on ne voit pas que cette race ait jamais pensé qu'après cette courte vie tout fut fini pour l'homme. Les plus anciennes générations, bien ayant qu'il y eut des philosophes, ont cru à une seconde existence après celle-ci. Elles ont envisagé la mort, non comme une dissolution de l'être, mais comme un simple changement de vie.

Estendei pelas aguas o vosso olhar e vereis formar-se nos longes do praino verde a onda pequenina. Pouco mais é que um friso e abate; empolla-se adiante e some-se; levanta-se mais cheia e afunda; soleva-se grossa e tumida e mergulha; cresce farta, encristada de espumas e dobra-se sobre o abysmo; assoberba-se em v a g a e despenha-se fragorosamente; avulta monstruosa e sossobra; e ainda augmenta, precipitando-se, com estrondo, d'alto e, surgindo sempre maior da profundez em que perece, assombra; e, á medida que se desdobra, accumulando impulsos sobre impulsos, impetos a impetos, desde os que trouxe do primeiro friso, dá-nos a impressão de topetar com as nuvens.

Assim a Vida — é uma ondulação progressiva no espaço e no tempo.

Sahimos de Deus pequeninos para os embates da Purificação e de mergulho em surto e de surto em mergulho, melhorando, crescendo sempre, attingimos, alfin, a Perfeição !

Esse mesmo Jesus, não querendo desfazer a imagem da Vida, como nos appareceu ? pequenino, nascendo em um presepe humilimo, mas onde o glorificam anjos e visitam reis para logo refugiar-se nos palmares do Egypto; surgindo, infante, entre os Doutores no Synedrio para, de novo, occultar-se na simplicidade rustica de Genezareth; proclamado Deus pelo Precursor, que o baptisa nas aguas do Jor-

dão e dellas sahe o immaculado para isolar-se no deserto. Ei-lo de volta, e maior — é a Palavra que doutrina e consola; é o gesto que abençoa e cura; é o reclamo que resuscita; é a Fé que salva, é o Messias.

Recolhe-se de novo ás terras pagans da Samaria, assenta-se na margella do poço de Sichar em conversa com a samaritana.

Procuram-no, em vão, os soffredores até que um dia toda Jerusalem se enfeita; é o triumpho. Que mais? a queda no Pretorio e do Pretorio á onda do Calvario; no Calvario: a morte, o abysmo e do abysmo, tres dias depois, o grande surto da Ascensão que o restituiu ao Ceu.

Eis o Missionario divino dando-nos na ondulação a imagem da Vida perenne, sempre crescente, até a Perfeição Suprema.

Quebrar a continuidade da Vida seria tanto como perpetuar a Noite, que não é mais que um vasio, vasio como ha no circulo dos elós das correntes.

Condemnam os padres a nossa crença filiando-a a tradições demoniacas, quando nella o orago é Jesus e ainda affirmando que só a accëitam e praticam espiritos inferiores.

Arrolemos alguns de taes espiritos bastardos: Homero, quando na Odysséa refere a visita do peregrino subtil ao paiz dos Cimmerios, região das sombras onde, entre outras, encontra a da propria mãe

e a de Elpenor, seu companheiro, com o qual conversa. Shakespeare... basta citar *Hamlet* e *Macbeth*. Schopenhauer concorre á grey com um ensaio sobre as aparições.

Serão mystificadores todos os homens, de autoridade incontéstavel, que dão testemunho de casos mysteriosos relativos á vida de alem tumulo ?

Os nigromantes de hoje não andam a profanar covas invocando mortos, como as feiticeiras da Thessalia, a pythonisa de Endor, os bruxos caledonios e outros; elles estudam a essencia da Vida, ou alma, como lhe chamam, com a mesma honestidade com que os psychologistas estudam no cadaver o envolucro dessa mesma essencia.

Emquanto uns destrinçam o cortiço, outros procuram a abelha e o segredo mysterioso da cera e do favo — da intelligencia, que é luz, e da Bondade, que é mel.

E os espiritualistas de hoje, que estão para os migromantes como os chimicos para os alchimistas, chamam-se, e citarei poucos nomes: Crookes, de Rochas, Wallace, Oliver Lodge, Paul Gibier, Bourdin, de Guldenstublé, Sinnet, Eugene Nus, Vigeniére, Lombroso, Conan Doyle, Chevreuil, Dale Owen, Gabriel Delanne, Vander Naillen, Leadbeater, Geley, Leon Denis, Flammarion, Girard, Boirac e tantos outros cujos nomes, todos respeitaveis, alongariam demasiadamente a lista. E para que mais ? Quando se está de posse da Verdade para impo-la ao mundo não

são necessarios mais do que doze apóstolos.

Os conventiculos de bruxos e feiticeiros são hoje sociedades de altos estudos psychicos. A Sciencia tomou a semente das mãos dos rusticos para cultivá-la e fazê-la florir.

O grande Bacon já se referia a duas series de phenomenos: os explicaveis, ou ostensivos e os clandestinos ou, como os appellidou Boirac: phaneroïdes e cryptoïdes.

Spinosa affirmou: "Tudo que existe tende a perseverar no seu *eu*"

Mme. de Stael escrevia, em 1814, no seu livro *De l'Allemagne*:

"O que chamamos erros e superstições prendia-se, talvez, a leis do universo que nos são ainda desconhecidas. As relações dos planetas com os metaes, a influencia de taes relações, os proprios oraculos e presagios não poderiam derivar de forças occultas das quaes não temos a minima idéa ?

E quem sabe se não ha um germen de idéa occulto em todos os apologos, em todas as crenças inquinadas com o nome de loucura ?

Disso não se segue que se deva renunciar ao methodo experimental, tão necessario nas sciencias, mas porque não se hade dar por guia a esse methodo uma philosophia mais ampla que abraçe o universo no seu todo não despresando o *lado nocturno* da natureza até que o possamos illuminar, espalhando por elle claridade ?"

E que lado nocturno da natureza é esse a que se refere a autora de *Corinna*? é o hemispherio do arcano, é o rosto velado da Isis mysteriosa, cujo corpo se mostrava aos crentes — é a sombra na qual commecam a bruxolear os primeiros clarões, prenunciando a proxima alvorada e o dia da esplendida Verdade. E nessa hora radiosa toda a negação cessará e os que nella insistem com os chirrios lugubres desapparecerão vencidos como desapparecem nos antros obscuros, á primeira manifestação do sol, todas as aves agourentas que esvoaçam na treva.

Explicações querem elles; provas, exigem com arrogancia, como se tambem pudessem explicar o que pregam, provar o que affirmam.

Neguem os phenomenos telepathicos. Não, não os negam porque constantemente os citam, como os citam universalmente os povos dando-lhes varios nomes — avisos. *inter-signes*, etc., documentando-os com factos testemunhados por pessoas fidedignas, que os proprios adversarios não se atrevem a contestar.

Falei-vos da reencarnação. Cedo a palavra, sobre tal assumpto, a um dos mais notaveis stylistas da geração que surge: Fernando de Azevedo.

Diz elle em certo passo da sua obra recente intitulada: *Jardins de Sallustio*:

“A Gautier parecia-lhe que vivera no Oriente; e quando, durante o carnaval, se disfarçava com algum *caftan* e *tarbouch*

authenticos, julgava então retomar os seus verdadeiros habitos... Surprendia-se sempre de não entender o arabe correntemente; é que devia tê-lo esquecido... Na Hespanha (dizia elle ainda) tudo que recordava os mouros lhe interessava tão vivamente como a um filho de islam e tomaria partido, em favor delles, contra os christãos. E' o que se deu com Pierre Louys: penetrado da alma da antiguidade, ter-se-ia sentido melhor na tunica dos gregos e é possível que muitas vezes, ainda moço, tivesse estranhado já não entender e falar correntemente o grego”.

Permitti que tambem vos leia uma pagina sincera que escrevi, ha tempo, sobre o mesmo assumpto, á qual dei o titulo de:

REMINISCENCIAS

De quando em quando resurgem-me na memoria lembranças de outras vidas, como em vasos que contiveram essencias, servindo a outras posteriormente, apparece, por vezes, o arôma das primitivas.

Se a saudade é vestigio do que foi, essas recordações que se levantam em nós são como poeira de caminhos percorridos.

E quem não a traz em si? Quem não sente, de vez em quando, reminiscencias de um passado, que não é o mesmo de onde viemos pelos annos actuaes, mas muito mais remóto, um passado d'alem do évo em que transitamos?

Essas saudades não jazem no coração. são livres, voam em volta de nós como as nuvens no espaço.

Quem nos diz que ellas não são o que já fomos, como as nuvens já foram rios, pantanos, oceanos ?

Quem nos affirma que não são lembranças de eras transcorridas, sobre as quaes adormecemos quando nos soou a hora nocturna, acordando com a madrugada para viver, de novo, ao sol e, de novo, dormir ?

Se me recordo do que fui outrora é natural que, mais tarde, me lembre do que sou.

E os dias passarão continuamente e eu voltarei com elles como os minutos voltam com as horas, as horas com os dias, os dias com as semanas, as semanas com os mezes, os mezes com os annos, os annos com os seculos, enquanto girarem na Eternidade, que é o mostrador do Tempo, infinito, impassivel, parado, espelhando a Vida, que é o movimento.

Senhores, todos nós acompanhamos com o coração transido de pavor essa immensa catastrophe que foi a guerra das nações, excidio sem igual na historia, no qual não se sabe que mais se lamente, se a perda de vidas e de bens, se o recuo da civilização á revora de barbárie, quando o homem, ainda bruto, coberto de pelles, humidadas do sangue dos animaes escorchados, trucidava victimas em sacrificios e commet-

tia, contente, as maiores atrocidades impellido pelo instincto de depredar e matar.

Nesse enorme cataclysmo em que a chacinha teve para alumiá-lo o incendio, a devasção dos campos foi completada pelo trasmalho do gado e nas cidades destruidas pereceram templos, que eram relicarios artisticos da Fé, bibliothecas, que eram patrimonios espirituaes da Humanidade, ruiam monumentos, hospitaes e asyllos, escolas e officinas, contam-se por milhões os combatentes que succumbiram. Os espiritos de taes heroes, desencarnados, espalharam-se, prófugos, no espaço, como se dispersam attonitas as abelhas quando lhes crestam o panal.

E esses enxames dalmas partidas antes de haverem completado o seu destino na vida, essas almas violentadas pela morte erram, vagueam atordoadas procurando pouso onde assentem para cumprir a genitura que traziam.

Que resulta de tamanho desbarato, de tamanha confusão? resulta o que vemos: a desordem no mundo.

Como pode haver calma onde esvoaça toda uma vespeira? Como pôde haver tranquillidade num ambiente alvoroçado de espiritos? E até que todos assentem, reen-
trando em novos corpos, resurgindo em novas vidas, reencarnando-se, digamos, o mundo hade resentir-se da tumultuosa confusão e só repousará com a Renascença ou volta á vida dos que della partiram de surpresa, expulsos antes de haverem

realizado a missão em que haviam baixado.

Assim se explica o que vemos, o que soffremos, o torvelinho em que nos atormentamos, o cháos em que nos debatemos, as crises que deflagram aqui, ali, alhures, atormentando o Homem com os males da fome, do frio, das enfermidades e da des-harmonia.

Senhores.

Eis-me chegado aó fim, antes, porém, de despedir-me de vós, agradecendo a generosa attenção com que me honrastes, quero e devo dizer-vos como cheguei até vós, falando-vos daquelle que aqui me trouxe.

Que apostolo foi esse que pregou á minh'alma a doutrina, toda de consolo e esperanza, que é hoje a base da minha Fé? De onde veiu o missionario suave? Não veiu: foi!

Na pobresa honesta do meu lar de trabalho, casa pequenina e risonha, onde tudo que existe foi adquirido á custa de sonhos — porque de sonhos vivo — a Felicidade era um dos numes tutelares, a Honra outro e ao centro, que é o lugar do coração, completando e presidindo á trindade — o Amor. Ventura: a esposa e os filhos; cabedaes, os livròs. Para conforto o bastante e sempre uma pequena sobra que era a parte da Caridade. Deus, sempre conosco, manifestando-se na misericórdia com que nos assistia.

Os filhos, meigos; a esposa... não encontro na lingua adjectivo para louva-la como merece. Digo apenas que é a Mulher como a quiz para desabotoar-se na Humanidade o Missionario do Ceu. Amigos, poucos, mas leaes; amigos que me foram fieis na hora adversa, cujo bem querer provei no amargo sabor das lagrimas.

Nesse lar, sempre feliz, entraram dez dias lugubres — Decalogo que recebi de Deus no sarçal da agonia que, quanto mais arde em desespero, mais revêça em esperança.

Mancebo, não conheci outro mais forte nem mais puro, de animo tão energico, de coração tão meigo.

Bello, não da belleza que transluz em traços, mas da que esplende em gestos e attitudes dalma.

Esse exemplar da Virtude enfermou a subitas, de pé, como um tronco ferido pelo raio. Tanta era nelle, porém, a robustez, tão fortes eram as duas muralhas de amor que o cercavam que nunca pensei na possibilidade da sua queda.

Uma manhan, porém, — manhan que o sol não quiz illuminar — a casa encheu-se de presagios. Os passos ensurdeceram no soalho, as vozes tornaram-se sussurros e os olhos que se fitavam reviam lagrimas uns nos outros.

Elle arquejava cansado de lutar com o soffrimento, aggravado pelo martyrio que lhe havia exaurido as veias que fizeram do leito uma veronica, não somente da fa-

ce, mas de todo o seu corpo, medindo-o em estalão de sangue.

O atleta ali jazia traiçoeiramente derubado, de olhos muito abertos, fitos em um horizonte inatingível á nossa visão mesquinha, horizonte de luz, limiar do Infinito, porta da Eternidade.

Nesse momento quiz agarrar-me áquella vida que vasquejava, prende-la a mim ou ir-me com ella, para não ficar no supplicio da Saudade, que é a margem de um rio que ninguem transpõe e de onde, através do curso melancolico das lagrimas, se avista a outra margem mysteriosa.

Não foi possível !

Aquelle que nunca me desobedecera desatendeu-me pela primeira vez, não se voltando ao meu chamado. E foi-se ! Eu fiquei ! Fiquei, envelhecendo em minutos, eu, que resistira, végeto, a sessenta annos, arduos e trabalhosos.

Foi elle, com sua alma limpida, sublime na morte heroica, que me fez antever a vida superior, estratificada em escaleira que sobe do mais rude ao divino, desde o rasteiro até a Perfeição absoluta reintegrando-se em Deus.

Senhores, eu estava cego e, assim como Edipo, guiado por Antígone, chegou aos vergéis de Cólonos, assim foi elle que me guiou até vós e me ha de guiar até a presença de Deus, por me haver posto no caminho liso e claro da Verdade.

Porque chora-lo se o sei feliz ? Tenho saudade da sua presença material, como

a arvore chora, em lentejo de seiva, o galho que o vendaval partiu; tenho saudade, é o sentimento do coração.

A alma, porém, essa sorri feliz e abençôa-o da terra, acena-lhe com esse gesto de amor antes de reencontra-lo.

Parta daqui a minha benção e todos vós, commigo, pedi a Deus pelo que foi meigo, bom, honesto e justo e a elle proprio, o espirito de meu filho, que nos guie, que nós aconselhe e console nas dores e amarguras desta vida.

Que a minha benção o acompanhe como a sua presença não me abandona porque, assim como o sol, de longe, nos aquece, e alumia, por que é lume, assim o espirito dos mortos nos conforta e dirige, porque é Alma, pura essencia, essencia eterna, divina essencia da Vida.

Sursum corda.



NUMERO 4 — ANNO II DA 2.ª ÉPOCA

VERDADE E LUZ

SÃO PAULO (BRASIL) 18 DE JUNHO DE 1923



Impressão COELHO NETTO

Verdade e Luz

Publicação quinzenal fundada em 25 de Maio de 1890, por Antonio Gonçalves da Silva Bатуira

Orgão da Associação Espirita "São Pedro e São Paulo" e da Instituição Christã "Verdade e Luz"

REDACÇÃO: { RUA JOSÉ BONIFACIO, 41 sob. — TELEPH. CENTRAL 2033 e 4977
Rua Espirita, 28.

REDACTOR GERAL

Dr. Pedro Lameira de Andrade

REDACTOR GERENTE

O. Augusto de Oliveira

NUMERO 4

SÃO PAULO, 18 DE JUNHO DE 1923

ANNO II da 2.a época

CÔNVERSÃO

— Sim. Tens razão. Combati, com todas as minhas forças, o que sempre considerei a mais ridícula das superstições. Essa doutrina, hoje triumphante em todo o mundo, não teve, entre nós, adversario mais intransigente, mais cruel do que eu.

Em casa, onde a propaganda, habilmente insinuada, conseguira fazer proselytos, todos temiam-me, apesar da minha conhecida tolerancia em materia de fé, porque eu não deixava parar um só dos livros de preparação e oppunha-me, com energia, ás taes sessões reveladoras. Mas que queres?

Não tiveram os christãos inimigo mais acirrado do que Saulo até o momento em que, na estrada de Damasco, por onde ia para a sua campanha de perseguição, o céu abriu-se em luz e uma voz do Alto o chamou á Fé. É de inimigo que era tornou-se, desde logo, o tapeceiro de Tarso, o mais fervente e abnegado apostolo do Christianismo, sahindo a prégar a Palavra suave ao gentio pagão. Pois, meu caro, a minha estrada de Damasco foi o meu escriptorio e, se nelle não irradiou a luz celestial, que deslumbrou S. Paulo, soou uma voz do Além, voz amada, cujo echo não morre em meu coração.

Sabes que, depois da morte da pequenina Esther, que era o nosso enlevo, a vida tornou-se sombria. A casa, dantes alegre com o riso crystallino da criança, mudou-se em jazigo melancholico de saudade. Passei a viver entre sombras lamentosas.

Minha mulher, para quem a netinha era tudo, não fazia outra coisa senão evocal-a, reunindo lembranças; roupas que ella vestira, brinquedos que a acompanharam até á ultima hora, entre os quaes a boneca, que foi com ella para a cova, porque a pobresinha não a deixou até expirar.

Julia... coitada! Nem sei como resistiu a tão fundos desgostos: seis mezes depois do marido, a filha.

Pensei perdela. Todas as manhans lá ia ella para o cemiterio, cobrir o pequenino tumulo de flôres, e lá ficava, horas e horas, conversando com a terra, com o mesmo carinho com que conversava com a filha. Ia depois ao tumulo do marido e assim vivia entre mortos, alheia ao mais, indifferente a tudo.

Propuz mudarmo-nos para Copacabana. Oppoz-se. Insistiu em ficar na casa em que fôra feliz e desgraçada, mas onde perduravam recordações amaveis do seu tempo de ventura.

Temi que a seduzissem para o espiritismo, que a lançassem no turbilhão do mysterio em que se agitam as almas do nosso tempo, como os endemoninhados da Idade Media corriam ao sabbat, nos desfiladeiros sinistros. No estado de abatimento moral em que ella se achava seria arriscado perturbar-lhe a razão com praticas nigromanticas.

As minhas ordens, dadas em tom severo, foram obedecidas. Julia passava os dias no quarto, que fôra da pequena, e de fôra ouvimos-a falar, rir, contar historias de fadas, exactamente como fazia durante a vida da criança.

Taes illusões dolorosas eram balsamos que mitigavam o soffrimento d'alma, como a morphina allivia as dôres. Cessada a illusão, o desespero irrompia mais acerbo. Era assim.

Uma manhan, porém, com surpresa de todos, Julia appareceu-nos risinha, posto que os olhos ainda conservassem lagrimas como as rosas conservam orvalho na corolla, ao sol.

Interroguei-a; sorriu. Interroguei minha mulher. Nada. Confesso-te que cheguei a pensar na ... volta da primavera.

Lucilio tornara-se mais assiduo nas visitas, apparecendo-nos duas e tres vezes por semana e o amor, bem sabes, renova; o amor é como o sol que abre flôres nas proprias covas.

Já começava a afazer-me a tal idéa quando, uma noite, minha mulher entrou-me pelo escriptorio, lavada em lagrimas, e disse-me, abraçando-se commigo, que a filha enlouquecera.

— Porque?! perguntei.

— Está lá embaixo, ao telephone, falando com Esther.

— Que Esther?

— A filha...

Encarei-a demoradamente, certo de que a louca era ella, não Julia.

Como se comprehendesse o meu pensamento, ella insistiu:

— Lá está. Se queres convencer-

te, vem até a escada. Poderás ouvir a. Fui.

Como sabes, tenho doisapparelhos: um, no « hall », outro, em extensão, no meu escriptorio. Ficamos os dois, minha mulher e eu, junto a balaustrada do primeiro andar. Julia falava embaixo, no escuro.

Por mais esforço que fizéssemos não conseguíamos ouvir uma palavra. Era um sussuro meigo, cortado de risinhos. O que me pareceu, porque não dizel-o? foi que a conversa era de amor.

Tive impetos de violar o segredo de minha filha, mas o escrupulo do meu cavalheirismo conteve-me:

— Porque dizes que ella fala com Esther? perguntei á minha mulher.

— Porque? Porque ella mesma m'o confessou e não imaginas com que alegria.

Fiquei estatelado, sem comprehender o que ouvia. De repente, numa decisão, entrei no escriptorio, desmontei lentamente o phone do aparelho, appliquei-o ao ouvido e ouvi.

Ouvi, meu amigo. Ouvi minha neta. Reconheci-lhe a voz, a doce voz, que era a musica da minha casa... Mas não foi a voz que me impressionou, que me fez sorrir e chorar, senão o que ella dizia.

Ainda que eu duvidasse, com toda minha incredulidade, havia de convencer-me, taes eram as referencias, as allusões que a pequenina voz do Além fazia a factos, incidentes da vida em que se calara, da vida que commosco vivera o corpo da qual ella fôra o som.

Mystificação? E que mystificador seria esse que conhecia episodios ignorados de nós mesmos, passados na mais estreita intimidade entre mãe e filha. Não! Era ella, a minha neta, ou antes: a sua alma visitadora que se communicava daquelle modo com o coração materno, levantando-o da dôr em que jazia para a consolação suprema.

Ouvi toda a conversa e comprehendí que nos estamos aproximando da grande era, que os Tempos se atraem — o finito defronta o infinito e, das fronteiras que os separam, as almas já se comunicam. E eis como me converti; eis porque te disse que a minha estrada de Damasco foi o escriptorio onde, se não fui deslumbrado pelo fogo celestial, ouvi a voz do ceu, a voz vinda do Além, da outra Vida, do mundo da Perfeição...

— Ouviste-a ao telephone... E porque não a ouves no ar, como a ouviu... São Paulo, por exemplo?

— Porque? Porque o espirito precisa de um meio em que se demonstre. Para viver connosco, encarna-se. O proprio Espirito de Deus encarnou-se. O lume precisa de um combustível para arder, e o lume é luz, eternidade; o som precisa de um orgão para vibrar. Todo o immaterial carece de um vehiculo para agir.

— Uma pergunta apenas: Como consegue D. Julia pôr-se em commu-

nicação com o espirito da filha? Não me consta que a Companhia Telephonica tenha ligação com o Alem.

— Respondo-te. Quando Julia — disse-me ella propria — deseja commu-nicar-se com a filha, invoca-a, chama-a com o coração, ou melhor: com o amor e ouve-lhe immediatamente a voz. Falam, entretem-se, continuam a vida espirital. A que lá está em Cima é feliz na Bemaventurança, e a que ficou na orfandade já não soffre, como dantes soffria, porque o que era esperança tornou-se certeza, absoluta certeza...

— Certeza de que?

— De uma vida melhor e maior, de uma vida puramente espirital, como a claridade, vida sem dôres, sem os tormentos proprios da carne que não é mais do que um cadinho em que nos depuramos em soffrimento para alcançarmos a Perfeição.

Coelho Netto

(*Jornal do Brasil*, 7-6-1923)

Conversão de Coelho Netto ao Espiritismo

Ha festa nos arraiaes do Espiritismo!

Coelho Netto, o academico brilhante; o primoroso estheta das «Rhapsodias»; o fino estylista d' «O Inverno em Flôr», vem de bandear-se para o campo onde levantamos a nossa tenda! Naquella alma sedenta de luz; aquelle coração cheio de fé; aquelle espirito sempre inquieto, em busca da Verdade, não podendo conter-se no circulo acanhado do dogmatismo regulador da Sciencia e da Religião officiaes, acaba de romper as cadeias do preconceito para abraçar o Evangelho que o Espiritismo aceita e propaga.

Quanta belleza encerra o gesto do

suave cantor das «Balladilhas» que — sem temor aos arrancos da critica malevolente — vem fazendo sua publica profissão de fé espirita!

Que bello exemplo o de Coelho Netto, aquelles que voltam os olhos á Verdade que se projecta, temerosos de affrontar o embate tumultuoso da critica!

Uma circumstancia meramente fortuita, um facto de si insignificante, um phenomeno vulgar, pôde determinar uma nova directriz ao espirito humano; pôde mostrar o caminho que conduz ao descobrimento de verdades ou leis scientificas. Entretanto, preciso

é que, em *substractum*, a Verdade existia já no espirito do homem, que ella alli esteja em estado latente para receber a proporção.

Dizem que a queda de um fructo levou Newton a descobrir a grande lei do movimento universal. E' que na intelligencia do grande sabio a verdade da lei fundamental já existia á espera do movimento propulsor que a concretizasse em facto scientifico.

Um acontecimento de importancia relativamente insignificante determinou no espirito de Coelho Netto uma mudança radical.

Acontecimento insignificante, de facto, porque — não fosse elle um predisposto á revelação da grande Verdade unica — e acharia para o facto uma explicação satisfactoria.

O seu estado de abatimento moral ante o choque determinado pela morte da netinha querida; a situação especial do seu espirito naquelle transe angustioso; a dôr inenarravel da filha que perdera, dois entes que lhe eram queridos; enfim, um mundo de circumstancias favoreciam a predisposição psychica de Coelho Netto e sua filha para receberem suggestões alheias ou proprias. E assim se explica a facilidade com que se dispuzeram ambos a receber a mystificação que, em verdade, se lhes cresceu na alma e nella tomou corpo.

Por sem duvida será esta a explicação, — como se a explicação fôra — que os desaffectedos do espiritismo darão ao facto da conversão de Coelho Netto, que a nós, nos enche de intenso jubilo.

Mas, aquelles mesmos a quem tal explicação aprouvera, comsigo mesmos dirão que em seus proprios espiritos, taes mystificações jamais teriam entrado.

E porque Coelho Netto, uma das mais fecundas e brilhantes cerebrações da moderna geração brasileira seria o

seraphico tão sujeito a suggestões de tal natureza?!

E' que não houve suggestão ou mystificação, mas a revelação da Verdade á alma eleita do primoroso poeta.

**

Não se venha dizer que Coelho Netto recebeu em sua infancia a influencia das superstições, bebida nas historias lendarias das velhas mucamas. Si assim fôra, poucos brasileiros deixariam de ter um traço accentuado de superstição. Supersticioso seria Ruy Barbosa, catholico, e Pedro Lessa, atheu; supersticioso seria João Mendes, deista, e Benjamin Constant, positivista.

Esse fundo de crença, quasi superstição, a que alguns criticos pretendem encontrar na Obra do fino estylista, não é senão o traço accentuado do espiritualismo intelligente e fecundo que lhe dirige a inspiração a se immortalisar em paginas de ouro.

Dentre as fontes primordias que lhe alentaram e formaram o espirito, diz Arthur Motta, em sua obra «Vultos e Livros», está a «Biblia», inexaurivel manancial de verdade e de poesia.

A feição espiritualista de Coelho Netto se revela em muitas de suas obras, taes como «A Pastoral», «Mysterios do Natal», «As Sete Dôres de Nossa Senhora», em que narrações biblicas se apresentam vestidas com a seda aurifulgente do estylista eximio.

Em uma de suas obras mais interessantes, diz Coelho Netto:

«Triste, triste foi a nossa vida posto que, de longe em longe, como um raio de sol atravessando nuvens tempestuosas, o riso viesse pallidamente á flôr dos nossos labios, mas chegamos, vencemos... Deus o quiz! e si ainda não tomamos de assalto a praça em que vive acastellada a indifferença publica, já cantamos em torno e, aos sons dos nossos hymnos, ruem os muros abalados, e avistamos, não longe, pelas brechas, a cidade — Ideal dos nossos sonhos».

O espiritalismo não se revela como uma suprema aspiração!

Eis que o doce espirito da netinha querida, portador da caridosa bondade de Deus, vem abrir no coração do avô uma aurora risonha de sol, uma alvorada azul de ventura, pois, ventura é recebermos o orvalho benéfico do céu.

Perdõe-nos Coelho Netto tudo isso que a seu respeito dizemos. Não é a critica, — o que estaria além da nossa competencia e em desacordo com os moldes da nossa Revista. É, simplesmente, um reflexo do entusiasmo feliz com que batemos palmas á conversão ao Espiritismo, de um dos mais formosos espiritos desta terra brasileira.

A FLORESTA

O' alma humana! torna a descer á terra, recolhe te; vira as páginas do grande livro aberto a todos os olhos; lê nas camadas do sólo que pisas, a historia da lenta formação dos mundos, a acção das forças immensas preparando o globo para a vida das sociedades.

Depois, escuta. Escutas as harmonias da Natureza, os ruidos misteriosos das florestas, os ecos dos montes e dos vales, o hymno que atorrente murmura no silencio da noite. Escuta a grande voz do mar!

Por toda a parte retine o cantico dos seres e das coisas, a vida ruído-sa, o queixume das almas que soffrem como nós e fazem esforço para se libertarem da ganga material que as estreita. A floresta estende até o horizonte longinquo suas massas de verdura que estremecem sob a briza e ondulam de colina em colina. Através as espessas ramadas, a luz se escôa em louras estrias sobre os troncos das arvores e sobre os musgos; o sopro da briza folga nas ramagens. O outono junta a esses prestigiosos synphonia das côres, desde o verde amarelento até o vermelho tuivo e o ouro puro; matiza e cresta as moitas; aguarela de ocre os castanheiros, de purpura as faias; aformoseia as urzes róseas das clareiras.

Embrenhemo-nos sob a folhagem. A' medida que se avança, a floresta

nos envolve de seus efluvios e de seu mystério. Aromas fecundos sobem do sólo; as plantas exhalam subtil perfume.

Tudo na floresta é encanto, quer na primavera, quando as seivas potentes incham suas mil artérias, quer quando os rebentos novos reverdecem fartamente, quer quando o outono adecóra de tintas ardentes, de côres prestigiosas, ou quando o inverno a transforma em um magico palacio de cristal, que as sombrias ramadas moldam sob a neve ou se carregam de pingentes diamantinos, transformando cada pinheiro em arvore do Natal.

A floresta não é somente maravilhoso espectáculo; é ainda perpetuo ensinamento. Ella nos fala, sem cessar, das regras fortes, dos principios augustos qua regem toda a vida e presidem a renovação dos seres e das estações. Aos tumultuosos, aos agitados, ella oferece seus retiros profundos, propicios á reflexão. Aos impacientes, avidos de goso, ella diz que nada é duradouro senão aquillo que tem trabalho e tempo para germinar, para sair da sombra e subir para o céu. Aos violentos, aos impulsivos, ella oppõe a vista da sua lenta evolução. Ella verte a calma nas almas enfebrecidas. Sympathica ás alegrias, com-